

EMPODERAMENTO E FEMINISMO NEGRO EM *UM DEFEITO DE COR*, DE ANA MARIA GONÇALVES

Silvania Núbia Chagas*

 <https://orcid.org/0000-0002-9799-8617>

Como citar este artigo: CHAGAS, S. N. Empoderamento e feminismo negro em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT17236>

Submissão: 2 de julho de 2024. **Aceite:** 2 de outubro de 2025.

Resumo: Personagem inspirada em Luísa Mahin, mãe do poeta Luiz Gama, Kehinde de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2011), traz em sua tessitura o conceito de empoderamento se contrapondo ao conceito de interseccionalidade, isto é, a opressão de gênero, raça, classe e sexualidade. Trata-se de um conceito que permeia o feminismo negro. Apesar de o empoderamento ainda ser um conceito não consolidado, tendo em vista os vários entraves impostos pela sociedade, e, quando se fala em empoderamento feminino, há sempre a noção de individualidade, Kehinde traz à tona problemas que permearam e ainda hoje permeiam o cotidiano das mulheres negras. O objetivo deste artigo é demonstrar como ocorre todo esse processo na narrativa.

Palavras-chave: Empoderamento. Interseccionalidade. Feminismo negro. Escravidão. Ana Maria Gonçalves.

* Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, PE, Brasil. E-mail: silvania.chagas@upe.br

[...] esta pode não ser uma simples história, [...] mas sim de uma escrava muito especial, alguém de cuja existência não se tem confirmação. [...] Especula-se que ela pode ser apenas uma lenda, inventada pela necessidade que os escravos tinham de acreditar em heróis, ou, no caso, em heroínas que apareciam para salvá-los da condição desumana em que viviam. Ou então uma lenda inventada por um filho que tinha lembranças da mãe apenas até os sete anos, idade em que pais e mães são grandes heróis para seus filhos (Gonçalves, 2011, p. 2).

■ Com esse prólogo, Ana Maria Gonçalves (2011) inicia sua narrativa *Um defeito de cor*. Logo, fica-se sabendo de quem se trata, isto é, a história será sobre uma personagem feminina, Kehinde, inspirada em Luísa Mahin, mãe do poeta e abolicionista Luiz Gama. Esta, lenda ou não, é conhecida pela sociedade como uma mulher empoderada, uma vez que, envolvida em revoltas como a dos Malês, foi portadora de grandes atos em prol da abolição da escravidão. Porém, como afirma a autora, não há nada que comprove a sua existência. Contudo, a personagem inspirada por ela é extremamente interessante.

Nascida em 1810, em Savalu, na época pertencente ao reino do Daomé, atual Benim, Kehinde diz ser uma *ibêji*¹, pois nasceu junto com sua irmã Taiwo. Cresce em uma casa chefiada por mulheres, uma vez que é criada com a mãe e a avó, e existe apenas um homem, que é seu irmão menor. Com exceção dela e da irmã, todos são *abikus*, isto é, segundo a narradora, são “espíritos amigos há mais tempo do que qualquer um de nós pode contar e que, antes de nascer, combinam ente si que logo voltarão a morrer para se encontrarem novamente no mundo dos espíritos” (Gonçalves, 2011, p. 19). Segundo Fábio Leite (2008, p. 64, *grifo do autor*),

Os Abiku são seres que se encarnam várias vezes para abandonar os corpos algum tempo depois, provocando alterações consideráveis na organização familiar. Quando uma mesma mãe perde vários filhos, sucessivamente e em baixa idade, trata-se de um Abiku reencarnando várias vezes. [...] Diz-se que esses seres transitam continuamente entre o espaço que lhes pertence e o espaço terrestre, daí seu nome, Abiku, literalmente, “nascer-morrer”.

Apesar de levarem uma vida regular, essa tranquilidade é rompida por meio de um incidente que irá mudar tudo. Os guerreiros do rei invadem a casa e matam sua mãe e seu irmão. Assim, acontece o dano que dá início a narrativa. A avó se muda com as meninas para uma cidade maior, Uidá, e ali são capturadas para serem escravizadas no Brasil, porém somente quem resiste a travessia é Kehinde. Orientada pela avó durante a travessia, resiste à cultura brasileira, persiste em preservar a sua cultura e, na chegada ao Brasil, ainda muito criança, tem uma atitude que demonstra o seu empoderamento. Ela foge do batismo cristão:

Amarrei meu pano em volta do pescoço, como a minha avó fazia, e sai correndo pelo meio dos guardas. Antes que algum deles conseguisse me deter, pulei no

1 Assim são chamados os gêmeos entre os povos iorubás.

mar. A água estava quente, mais quente que em Uidá, e eu não sabia nadar direito. Então me lembrei de Iemanjá e pedi que ela me protegesse, que me levasse até a terra (Gonçalves, 2011, p. 63).

Dessa forma, ela não foi batizada, mas, ao chegar ao armazém onde foi vendida e perceber a situação precária de outras pessoas que chegaram antes e não conseguiram isso, ela empreende uma estratégia e consegue ser escolhida. Ao perguntarem seu nome cristão, ela se lembra de uma mulher que foi batizada como Luísa e adota esse nome, passando a se chamar Luísa Gama, sobrenome do comprador; o que nos remete a Luiz Gama, filho de Luísa Mahin. As estratégias da personagem nos fazem vislumbrar seu empoderamento, embora esse conceito ainda não esteja consolidado na sociedade no que se refere às mulheres negras. Segundo Patricia Hill Collins (2019, p. 59),

O empoderamento continua a ser um construto fugidio, e o desenvolvimento de uma política feminista negra de empoderamento requer que domínios de poder que limitam as mulheres negras sejam especificados, bem como os modos de resistir a essa dominação.

A personagem, muito cedo, se dá conta do novo *status quo* e, para além de resistir, procura meios para se adequar. Temos aqui um processo de resistência precedido por resiliência. Nesta, “a situação de risco é vista como oportunidade de superar os próprios limites, construindo uma identidade fortalecida (superação)” (Taboada; Legal; Machado, 2006, p. 106). E isso se torna muito relevante na construção dessa personagem, pois a superação de determinados conflitos irá propiciar um certo fortalecimento para enfrentar situações estressantes futuramente. No caso de Kehinde, essa postura será de grande valia.

A sagacidade da personagem é demonstrada desde o primeiro momento em que pisa em terras brasileiras, e o que é mais interessante é que, ao se dar conta do que está por vir, ela logo toma atitude. Isso é muito relevante, pois nem sempre as pessoas em situações opressoras são capazes de reagir e muito menos de criar estratégias, ou seja, o empoderamento da personagem, como aqui já foi dito, se revela, na narrativa, ainda na infância. Nelly Stromquist (2002 *apud* Sandenberg, 2017, p. 31) afirma:

O empoderamento consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante [...]. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente).

Ao longo da narrativa, poderemos perceber todas essas características nas ações da personagem. Todavia, a vida de Kehinde, como escravizada, estava só começando. Até então, ela ainda não tinha consciência da dimensão da opressão propiciada pelo sistema escravagista, uma vez que, como aqui já foi dito, era apenas uma criança. Contudo, será mais adiante que a opressão de gênero, raça, classe e sexualidade se realizará.

A vida na fazenda do senhor José Carlos Gama não será fácil, mas, a princípio, ela foi comprada para servir de “brinquedo” para a filha desse senhor. E isso tornou sua vida um pouco mais tranquila no início. Nessa fase, ela aprendeu a ler e escrever com um escravo muçulmano que chegou à fazenda e começou a

dar aulas para a sinhazinha. Para além disso, a personagem era muito sagaz, estava sempre escutando as conversas dos brancos sobre política, cultura etc., porém são os acontecimentos do cotidiano que vão pouco a pouco subsidiando sua personalidade. A narradora personagem se conscientiza de sua condição em um levante empreendido por negros de uma fazenda vizinha, em que alguns dos escravos da fazenda em que ela vive tentam participar, fugindo com os demais, e boa parte acaba sendo morta.

Apesar da pouca idade, acho que foi naquele momento que tomei consciência de que tinha que fazer alguma coisa, pelos meus mortos, por todos os mortos dos que estavam ali, por todos nós, que estávamos vivos como se não estivéssemos, porque as nossas vidas valiam o que o sinhô tinha pagado por elas, nada mais (Gonçalves, 2011, p. 144).

Os negros escravizados eram vistos como “coisas”. E a sinhá é quem primeiro vai demonstrar a “coisificação” das pessoas negras na narrativa, alegando que elas “não têm inteligência”. É uma mulher muito amargurada por não conseguir conceber um filho e, então, é cruel com os escravos. E essa amargura se manifesta da pior maneira possível, pois, ao saber que uma escrava estava grávida de seu marido, arrancou os olhos dela e os serviu no café da manhã para ele. Este ficou chocado no primeiro momento, mas depois fez as pazes com a sinhá, e, segundo a narradora personagem, parece que nunca foram tão felizes antes. Dessa forma, o racismo se manifesta na narrativa precedido pela misoginia, que é a raiva atribuída às mulheres negras duplamente, ou seja: as mulheres brancas culpam essas mulheres pelos atos do marido, e este, por sua vez, não tem nenhuma consideração, uma vez que não as vê como seres humanos, mas sim como “coisas”. No entanto, aqui cabe uma ressalva: nessa narrativa é dito que o senhor protege a escrava e seu filho longe dos olhos da sinhá. O racismo prosperou com base nos estereótipos e estigmas criados contra os negros na época da escravidão. De acordo com Silvio Almeida (2019, p. 22):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem.

No sistema escravagista, os brancos sempre se valeram das condições de subalternidade dos negros para que pudessem alcançar seus privilégios. Entretanto, no caso das mulheres, o racismo e o sexismo sempre estiveram juntos, subalternizando de maneira violenta, demarcando com muito vigor a “coisificação” que vimos falando, destruindo a dignidade, se valendo das características biológicas para fundamentar a inferioridade atribuída a pessoas pertencentes às camadas mais vulneráveis da população. As mulheres negras foram tratadas como objetos sexuais:

O racismo e o sexismo compartilham uma mesma propensão a naturalizar a diferença e a desigualdade social de três maneiras. A primeira: os dois usam o argumento da natureza para justificar e reproduzir as relações de poder fundadas sobre as diferenças fenotípicas. A segunda: ambos associam de perto a realidade “corporal” e a realidade social, ancorando seu significado no corpo, lócus privilegiado da inscrição do carácter simbólico e social das culturas. A terceira: o sexismo e o racismo representam as mulheres e os outros como grupos

naturalmente predispostos à submissão. Da mesma maneira que às mulheres se atribui um status de objetos sexuais, aos outros se lhes reifica como objetos raciais e étnicos (Viveros apud Díaz-Benítez, 2020, p. 264-265).

Voltando à narrativa, os demais escravos e escravas se juntaram para salvar a vida da personagem.

Os panos eram colocados sobre os olhos dela e trocados de tempos em tempos, muito menos amíúde depois que a Rosa Mina apareceu com uma infusão de ervas para colocar sobre as feridas. [...] O Valério Moçambique não tinha parado um só minuto, rezando, cantando e esfregando as mãos nas sementes para depois passá-las por todo o corpo de Verenciana (Gonçalves, 2011, p. 108).

Percebem-se aqui “rastros” da religiosidade de tradição oral dos povos africanos. Zilá Bernd (2012, p. 33, grifo da autora), ao tratar da construção dessa narrativa, afirma:

Um defeito de cor é tecido a partir da ativação de todos esses tipos de rastros. Primeiramente temos os rastros da oralidade trazidos pelos “migrantes nus” – para utilizarmos uma expressão de Édouard Glissant, em relação às migrações africanas para as Américas –, como as canções, os rituais religiosos e os provérbios, que se constituem em epígrafes de cada um dos dez capítulos em que se divide o romance.

A atitude dos companheiros de Verenciana para curá-la demonstra a resistência dos povos escravizados. Porém, isso não quer dizer que eles eram pacíficos e que assistiam a tudo sem se revoltarem contra o sistema. Pelo contrário, muitas providências em prol da libertação foram tomadas, bem como atitudes isoladas contra os senhores, como revanche. Inclusive, tempos depois, Kehinde afirma que Liberata, mãe da vítima, se vinga da sinhá, enviando para a cozinha da casa-grande algumas ervas para serem colocadas na sua comida, para que pudesse ficar de “ventre seco” definitivamente. A revolta dos escravizados contra a “coisificação” que lhes era atribuída era constante, pois esta se realizava na forma como eles eram tratados.

Esse processo se objetivava não só na condição escrava, mas na forma como os senhores se relacionavam com o corpo dos escravos e como os tratavam: os castigos corporais, os açoites, as marcas a ferro, a mutilação do corpo, os abusos sexuais são alguns exemplos desse tratamento. Mesmo diante de tal situação, em que a liberdade oficial estava condicionada à carta de alforria, os escravos e as escravas desenvolveram as mais diversas formas de rebelião, de resistência e de busca da liberdade. Naquele contexto, a manipulação do corpo, as danças, os cultos, os penteados, as tranças, a capoeira, o uso de ervas medicinais para cura de doenças e cicatrização das feridas deixadas pelos açoites foram maneiras específicas e libertadoras de trabalhar o corpo (Gomes, 2002, p. 42).

Ao corroborar esse aspecto, Françoise Vergè (2020, p. 49-50) chama todas essas ações de “quilombolas” e, quando promovidas por mulheres, de “feminismo de quilombagem”, pois

A quilombagem afirmava a possibilidade de um futuro mesmo quando ele era negado pela lei, pela Igreja, pelo Estado e pela cultura, os quais proclamavam que não havia alternativa à escravidão – considerada tão natural quanto o dia

e a noite – e afirmavam que a exclusão dos/as negros/as da humanidade era algo natural.

A humanidade sempre foi negada aos povos negros. Não é à toa que o racismo persiste na sociedade. E quem mais sofreu e sofre com essa “desumanidade” são as mulheres negras. Durante o período da escravidão, as mulheres negras não podiam formar famílias, uma vez que o casamento lhes era negado. A narradora personagem pergunta a Esméria, a escrava doméstica mais idosa, por que nunca havia se casado, e esta responde que não adiantava, os senhores acabavam vendendo os escravos sem se importarem com seus pares. Para além disso, a mulher negra sofreu também os estupros, pois os senhores se achavam donos de seus corpos. Não à toa os(as) escravos(as) eram chamados(as) de “peças”. Kehinde foi estuprada pelo senhor aos 12 anos de idade. Patricia Hill Collins (2019, p. 78) afirma que, no período da escravidão, o estupro foi institucionalizado “como mecanismo de controle social”. Entretanto, o mais interessante é que não era por uma questão de volúpia por parte do homem, mas sim para humilhar, inferiorizar, mostrar quem mandava. Corroborando isso,

Seria um erro considerar o padrão de estupros instituído durante a escravidão uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos [...]. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros (Davis, 2016 apud Collins, 2019, p. 252).

Essa afirmativa de Angela Davis é fundamentada pela narrativa da pior forma possível, uma vez que Kehinde tinha um namoradinho que também era escravo e tentou livrá-la das garras do senhor, e, por isso, ele também foi estuproado. Contudo, o sistema escravagista sempre foi mais violento com as mulheres, isto é,

O estupro, assim como outros atos de violência sofridos pelas mulheres negras, tais como agressões físicas sob a escravidão, abuso doméstico, incesto e exploração sexual, fazem parte da subordinação das mulheres negras nas opressões interseccionais (Collins, 2019, p. 251).

Kehinde sempre desejou ir para a capital – “São Salvador” –, a fim de fazer alguma coisa por si e pelos seus pares, pois tinha consciência que ali no engenho isso não seria possível. Após o estupro, ela engravidou e passou um bom tempo doente. Nesse interim, o senhor José Carlos adoeceu e morreu antes de o filho dela nascer. Esse fato vai determinar uma reviravolta na narrativa. A sinhá Ana Felipa, a viúva, vende tudo e se muda para Salvador, na época “São Salvador”, e, é ali que a narradora personagem vai iniciar sua vida como ativista. Será uma vida muito tumultuada, no entanto todos os atritos entre ela e a sinhá servirão para impulsionar novos desafios. A narradora personagem chega à capital, dando à luz o filho, que, tendo em vista ser *abiku omi* (*abiku* da água) de acordo com sua cultura, se chamará Banjokô, que significa “sente-se e fique comigo”, nome que é dado a essas crianças para que elas vivam mais tempo. A sinhá se afeiçoou à criança e resolveu que ele seria batizado na Igreja Católica, contudo Kehinde não queria que isso acontecesse antes de ele passar pela cerimônia do nome. Assim, ela vai fazer isso às escondidas e, ao ser descoberta, é castigada e alugada para uns ingleses. Lá aprende um pouco de inglês e a fazer *cookies*. Todavia, ao tentar ver o filho clandestinamente, pois ela pula o muro da casa da sinhá, é surpreendida pela polícia e presa. Diante disso, será devolvida pelos

ingleses. Tempos depois, ao se apaixonar por um escravo chamado Francisco, que despertou também o interesse da sinhá, haverá um embate entre as duas, e, para evitar um conflito maior, Esméria, escrava doméstica, aconselha a sinhá a colocá-la como escrava de ganho. Ela segue os conselhos. Kehinde se valerá dos *cookies*, que aprendeu a fazer na casa dos ingleses, para começar a vida. Aqui aparece a dimensão econômica que faz parte do conceito de empoderamento já mencionado. E para comprovar essa premissa, Kehinde irá se valer dos amigos:

*Eu ainda tinha guardado o dinheiro dado ao Banjokô no dia da cerimônia do nome, que não era muito, mas que, juntando com mais algum que a Esméria me emprestou, usei para comprar os primeiros ingredientes, o que fiz acompanhada do Sebastião. [...] Logo todos estavam dando palpites, e o Tico, o Hilário e o Sebastião me falaram de muitas casas onde moravam ingleses, o que fiquei de perguntar também ao José da Costa no dia seguinte. A Esméria teve a ideia de vender os **cookies** embrulhados em saquinhos, o que daria a eles uma aparência mais fina, boa para produtos caros. O Raimundo se lembrou das portas dos teatros e dos salões de bailes muito frequentados pelos ricos e estrangeiros, lugares onde eu também poderia vender os meus **cookies** (Gonçalves, 2011, p. 247-251, grifo da autora).*

Para além disso, os amigos cogitam a possibilidade do enriquecimento da narradora personagem, almejando que um dia ela possa comprá-los. Corroborando isso, Madalena León (2001 *apud* Berth, 2019, p. 115) afirma:

O empoderamento como autoconfiança e autoestima deve integrar-se em um sentido de processo com a comunidade, a cooperação e a solidariedade. Ao ter em conta o processo histórico que cria a carência de poder, torna-se evidente a necessidade de alterar as estruturas sociais vigentes; quer dizer, se reconhece o imperativo da mudança.

A partir desse momento, Kehinde, que já há algum tempo tomou consciência de sua situação, terá uma reviravolta em sua vida. Será o empoderamento se contrapondo às opressões que compõem o conceito de interseccionalidade, enfocando na narrativa o feminismo negro.

O feminismo negro é um movimento que teve início na década de 1960 e se desenvolveu nas décadas de 1970 e 1980, no Estados Unidos. No Brasil, na década de 1980, Lélia Gonzalez tratava dessa questão afirmando que aqui nem o movimento negro dava a devida importância a esse movimento. São as ativistas negras dos Estados Unidos que tomam consciência de que o movimento feminista empreendido na Europa não dava conta de todos os entraves do cotidiano das mulheres negras.

Feministas que gozam de uma situação privilegiada têm se mostrado incapazes de falar para, com e por outros grupos de mulheres, ou porque não compreendem plenamente as inter-relações entre sexo, raça e opressão de classe ou porque se recusam a levar a sério tais inter-relações. As análises feministas da situação da mulher tendem a focar exclusivamente no gênero, se abstendo de fornecer um alicerce para a edificação de uma teoria feminista (hooks, 2019, p. 45).

O movimento feminista europeu primou pela questão de gênero. As mulheres lutaram para ter os mesmos direitos dos homens na sociedade. Um desses direitos

seria o de trabalhar fora, porém almejavam os postos ocupados por eles. Já as mulheres negras sempre trabalharam fora, mas sempre ocupando os piores cargos, ganhando pouco e, na maioria das vezes, servindo as mulheres brancas, uma vez que, no início do século XX, os empregos que havia para essas mulheres eram os serviços domésticos. Assim sendo, a situação da mulher negra era mais complexa, o que fez com que o feminismo negro tenha sido criado com outra perspectiva. Essa dicotomia entre as perspectivas levou as feministas brancas a não entender os dilemas das mulheres negras.

Voltando à narrativa, Kehinde que já estava como escrava de ganho, podendo somente dormir na casa da senhora, foi expulsa porque ela a viu com uma roupa nova e com sapatos. Foi embora sem poder levar o filho, pois ele também era propriedade da senhora, porém não se abate, tenta resolver a situação e o universo acaba conspirando a seu favor. Na manhã seguinte, reencontra Fatumbi, o muçulmano que ensinou Kehinde a ler e a escrever, e este arruma um lugar para ela ficar. Apesar de todos esses entraves, ela se mostra confiante.

Mas estava confiante, porque tudo o que acontecia na minha vida, mesmo parecendo ser ruim, sempre dava um jeito de me empurrar na procura de algo melhor. Tinha certeza de que em breve eu e meu filho estaríamos livres, mesmo ao me lembrar da quantidade de dinheiro que precisava conseguir (Gonçalves, 2011, p. 259).

O motivo que desencadeou a sua expulsão remete ao racismo estrutural que permeia a sociedade, traz à tona a opressão de raça e classe sofrida pelos(as) negros(as). Mas a maneira como ela encara suas dificuldades demonstra o empoderamento se contrapondo a tudo isso, haja vista a autoestima da personagem que se constrói sobre as agruras vivenciadas. Esse reencontro com Fatumbi e a sua nova morada a colocam em contato com os muçulmanos que foram responsáveis pela Revolta dos Malês.

Kehinde resolve vender seus produtos em uma loja de produtos estrangeiros. Para isso, mente, alegando que está ali em nome de sua senhora, pois, assim que entrou na loja, foi enxotada sob a alegação de que “os produtos que estavam ali não eram para o meu paladar e muito menos para o meu bolso” (Gonçalves, 2011, p. 273). Todavia, utilizando a estratégia de utilizar o nome de sua dona, ela consegue o fornecimento para a loja. Ousadia e sagacidade não lhes faltam. A narradora personagem deixa de ser objeto da história, tornando-se sujeito, pois bell hooks (1989 *apud* Collins, 2019, p. 138) afirma que, “como objeto, a realidade da pessoa é definida por outras, sua identidade é criada por outras, sua história é nomeada apenas de maneiras que definem sua relação com pessoas consideradas sujeitos”. No entanto, “como sujeito, toda pessoa tem o direito de definir sua própria realidade, estabelecer sua própria identidade, dar nome a sua própria história” (hooks, 1989 *apud* Collins, 2019, p. 138). Kehinde ainda não está livre, mas já começa a definir sua trajetória como comerciante e dona de si.

A vida parece tomar um novo rumo. Uma rotina mais tranquila. No entanto, logo receberá uma notícia que virá tumultuar tudo novamente. A senhora avisa que pretende se mudar para a corte e que a venderá, mas ficará com seu filho, que levará com ela. Kehinde que já vinha participando de uma confraria, ou seja, uma associação que os negros costumavam criar para arrecadar o dinheiro para comprar cartas de alforria, tenta um empréstimo, pois suas contribuições ainda não atingem o valor necessário para comprar a sua e a de seu filho. No entanto,

o empréstimo é negado, o que a faz ficar desesperada. Todos os amigos tentam ajudar, mas ninguém tem o suficiente. Uma amiga dela acaba fazendo uma rifa de uma imagem de Oxum que ela ganhou há muitos anos. Não consegue muita coisa, mas, na hora de entregar, acontece um incidente que a faz derrubar a imagem, que se parte, e dentro dela havia uma boa quantidade de ouro e pedras preciosas. Assim, ela, com a ajuda dos amigos, arma uma cilada para a sinhá,

Durante o almoço, o Sebastião substituiu a Antônia no serviço de mesa e misturou na comida da sinhá algumas ervas que a fariam dormir por três ou quatro horas. [...] Os dois meninos logo vestiram as librés do Francisco e do Raimundo e pegaram a liteira, com a intenção de levar o padre Notório até o solar a qualquer custo, nem que precisassem dizer que a sinhá estava morrendo. [...] Quando ela acordasse, ainda estaria um pouco tonta, e antes que pudesse reagir o Francisco já teria provocado o suficiente para que quisesse se entregar a ele. E foi exatamente assim que aconteceu, imagino (Gonçalves, 2011, p. 346-347).

Ainda tonta, a sinhá acorda, e Kehinde, que havia presenciado tudo, a chantageia, alegando que irá chamar o padre para ver. Assim, por um valor menor do que havia pedido, a sinhá assina as cartas de alforria dela e de seu filho. Dessa forma, mais uma vez, ressalta-se o empoderamento da narradora personagem, no sentido de criar estratégias e envolver seus pares. Essa passagem da narrativa é muito interessante porque vai de encontro a vários estereótipos criados na época da escravidão: a coisificação do(a) negro(a), alegando que eles(as) não eram inteligentes, a pacificidade atribuída aos escravos, a harmonia que havia entre escravos e senhores, enfim, a tudo que fundamentava o mito da democracia racial. E, para além disso, demonstra também a raiva que os(as) escravos(as) nutriam pelos senhores. Uma raiva que persiste até hoje diante das atitudes da sociedade para com os(as) negros(as), a herança da escravidão que é o racismo. O que faz Audre Lorde (2023, p. 155) referir-se às mulheres negras, afirmando:

Mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação.

Simultaneamente a isso, a narradora personagem conhece um português e engravida, e, após resolver sua situação no que se refere à alforria, muda-se para um sítio, com ele, o filho e a escrava doméstica mais idosa, que a sinhá libertou. Ali, pela primeira vez, terá vida de “branco”. Ali se tornará sinhá. Mas isso não a faz parar de trabalhar, pelo contrário. Ela perde a criança que estava esperando e, logo após, percebe que precisaria ganhar mais dinheiro; então, com a ajuda do companheiro, abre uma padaria. Para além disso, passa a participar de reuniões com os muçulmanos em prol de rebeliões. Contudo o relacionamento de Kehinde com o português, que ela resolveu chamar de “Alberto”, é muito restrito. Somente os amigos mais íntimos participam da vida dos dois, pois o português não tem coragem de apresentá-la à sociedade. No entanto, ela está sempre tão ocupada que se conforma com isso e acaba engravidando novamente. O filho nasce, o pai fica muito feliz e quer que se chame Luiz em homenagem a um avô português. Mas ela faz a cerimônia do nome e coloca nele o nome de Omotunde, que significa “a criança voltou”. Assim como o irmão, também era uma *abiku feêfe* (*abiku* do vento). Consultando a sorte do filho em um “jogo de opelê”, ela afirma:

O Ifá disse que você viveria o suficiente para ser um grande homem e que talvez a minha missão mais importante fosse guiar e instruir você no caminho do bem e da justiça. Disse também que via longos caminhos se abrindo à sua frente, para muito longe, e que a sua vida nunca seria das mais fáceis, apesar de muito produtiva, e que você jamais ganharia muito dinheiro. Você seria admirado e respeitado, um dos primeiros entre os seus, pelos quais lutaria mais do que por você mesmo (Gonçalves, 2011, p. 404).

Aqui, percebe-se que, em toda a narrativa, a narradora personagem está contando sua trajetória para o filho, e, para além disso, essa citação nos remete à biografia de Luiz Gama, poeta e abolicionista, que lutou pelo fim da escravidão e conseguiu a liberdade de muitos escravos. Não obstante, em nenhum momento, a autora desse romance mencione Luiz Gama, a narrativa foi construída embasada por uma pesquisa histórica muito intensa. Contudo, como se sabe, documentos que versavam sobre o tráfico negreiro foram queimados em 1890, por ordem do então ministro da Fazenda Rui Barbosa, o que torna lacunar qualquer pesquisa empreendida sobre isso. Entretanto, os escritores afro-brasileiros preenchem essas lacunas por meio do imaginário, ou seja,

Como se trata de uma história rasurada, a recuperação do passado pela escrita (literária ou mesmo historiográfica) vai juntar e rearrumar os dados do passado. Pode-se conceber esta sobreimpressão de elementos como um palimpsesto a ser decifrado, a ser recomposto, ressignificado (Figueiredo, 2010, p. 163).

Em seu sítio, Kehinde passa a abrigar os fugitivos, e, entre eles, aparece uma mulher que matou seus três filhos por causa dos castigos que o senhor imputava a ela e aos filhos. E, diante disso, ela afirma:

Eram muitos os casos em que os senhores proibiam que as escravas cuidassem dos filhos, achando que elas trabalhavam menos por causa dessa preocupação. As crianças acabavam morrendo de fome por não terem quem cuidasse delas enquanto as mães trabalhavam, quando não eram maltratadas pelos senhores ou feitores, que se enervavam com o choro das que ainda tinham força para tanto (Gonçalves, 2011, p. 413).

Essa situação perdura ainda hoje na sociedade. Muitas mulheres criam os filhos dos patrões e deixam os seus à deriva. Trabalhadoras de “baixa renda” não podem ter o privilégio de pagar alguém para cuidar e aí só têm um pouco de sossego quando podem contar com uma vaga em uma creche, que ainda são poucas para atender à demanda.

Kehinde segue sua vida no sítio, prosperando muito na padaria e, com isso, comprando ou colaborando na compra de alforria de muitos negros(as), inclusive compra a carta de alforria de seu amigo Fatumbi. Passa por alguns momentos difíceis por causa das revoltas dos negros contra os portugueses. Ela vive com um português. Abriga, em diversos momentos, a filha do senhor José Carlos Gama, seu antigo senhor, de quem ficou amiga e esta é também casada com um português, e, como aqui já foi falado, ela é muito desenvolta, uma vez que sempre foi muito curiosa, ouviu muita coisa e leu muito. Até que chega um momento em que só poderão ficar no Brasil os portugueses casados com brasileiras; como ela é africana, seu companheiro irá se casar com uma brasileira, e isso causará um rompimento entre eles. Com isso, sua vida mudará novamente.

Terá que sair do sítio, vender a padaria e, como estava difícil a venda, vendeu os equipamentos e foi enganada, recebeu dinheiro falso. Diante disso,

Deixei que a minha raiva se transformasse em uma grande vontade de seguir adiante apesar de tudo, de dar o futuro que eu tanto queria para você e o Banjokô. Às vezes, parece-me que nada é suficiente na vida, nem as coisas boas nem as coisas más, pelo menos não a ponto de me deter (Gonçalves, 2011, p. 453).

A atitude da personagem remete, mais uma vez, a Audre Lorde (2023, p. 159) ao afirmar:

Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança.

Outra reviravolta se realizará na vida de Kehinde. Agora irá trabalhar fabricando charutos junto com seus amigos e, para além disso, iniciará sua vida como ativista que participará da Revolta dos Malês.

Foi naquele mesmo dia que o Fatumbi me contou que já tinham escolhido a data da rebelião, ia ser durante as festas de entrudo do próximo ano, no fim de fevereiro. [...] Quando soube da data, voltei a me interessar e a participar das reuniões permitidas, também me oferecendo para fazer o que fosse necessário (Gonçalves, 2011, p. 495).

Com os amigos, ela se encarregará de enviar as mensagens dentro dos charutos para os muçulmanos que moram distante. A rebelião não visava somente aos brancos, mas também aos mulatos, pois “mesmo os mulatos que ainda eram ou tinham sido escravos se achavam superiores aos escravos pretos ou crioulos, apesar de viverem em condições semelhantes” (Gonçalves, 2011, p. 498). A narradora personagem ainda acrescenta que havia, também, os mulatos que nasceram livres e que alguns eram “instruídos, bacharéis e doutores”, pois haviam estudado no país ou em Portugal e se “comportavam como se seus pais ou avós, na maioria portugueses, nunca tivessem vivido com as pretas” (Gonçalves, 2011, p. 498). Isso demonstra a formação da cultura brasileira que, até hoje, muitos desconhecem, e não foi à toa que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) criou uma “paleta de cores” para os brasileiros.

Em meio a tudo isso, Kehinde descobre que o casamento de seu ex-companheiro anda de mal a pior e que existe a possibilidade de sua volta. Inclusive, é aconselhada a recebê-lo, tendo em vista que a “vida seria mais fácil ao lado de um homem”, mas ela replica essa assertiva de uma forma muito contundente: “Por você sim, [o filho], pois ele sempre tinha sido um ótimo pai, mas eu queria algo mais de um homem, algo que ele já tinha sido, ou que eu já tinha merecido, não sei” (Gonçalves, 2011, p. 505). Aqui, mais uma vez se reafirma o empoderamento da narradora personagem.

Para além disso, há os preparativos para a Revolta dos Malês, que, segundo a narradora personagem, “Já estava tudo certo, e a rebelião começaria às quatro horas da madrugada do dia vinte e cinco de janeiro daquele ano de um mil oitocentos e trinta e cinco” (Gonçalves, 2011, p. 516). Aqui a narrativa se desdobra. Kehinde parece prever isso:

Na manhã do dia vinte e quatro de janeiro, saí de casa com o sol ainda por nascer e deixei você dormindo na minha cama, para onde o levava na noite anterior. Eu estava certa de que nada me aconteceria, mas, de qualquer forma, queria fazer preciosas aquelas últimas horas que antecediam a rebelião, e não havia nada que me fosse mais caro do que estar com você. Eu sabia que voltaria, mas não sabia quando [...] (Gonçalves, 2011, p. 516).

Dessa forma, a narrativa dá conta de um movimento histórico importante no Brasil, “A Revolta dos malês”. Segundo João José Reis (2003, p. 43), os africanos, independentemente de serem escravos ou libertos e, às vezes, até “relativamente bem do ponto de vista material [...] se encontravam nas posições mais inferiores da hierarquia social baiana”, tendo em vista que “as práticas de opressão étnica continuavam a funcionar regularmente”. Isso demonstra que a literatura se debruça sobre a história e preenche as lacunas, como aqui já foi dito, provocando no leitor novas reflexões que o induzirá a uma nova percepção sobre os fatos relatados pela história oficial, ou seja,

A palavra poética, melhor do que qualquer outra, deixa emergir o tempo do esquecimento, liberando o que ficou retido nos desvãos da história e nos descaminhos da memória. Não são as ideologias nem as mídias que desvelam o “espírito do tempo”: somente as sensibilidades compartilhadas e as cumplicidades delimitam o espaço privilegiado onde os nós da memória poderão enfim ser desatados (Bernd, 2012, p. 32).

Depois de ser presa duas vezes e classificada como presa política, com medo de ser deportada, Kehinde aceita conselhos de amigos para deixar a capital e passar um tempo na Ilha de Itaparica. Mal sabia ela que a partir daquele momento sua vida mudaria totalmente. Ali na Ilha, descobre que tem uma missão a cumprir. Viaja para o Maranhão, para a casa das Minas. Lá permanece pouco tempo e logo volta para a Bahia. No entanto, pensando que seria melhor sair da capital, vai para o recôncavo, decidida a conhecer mais a religião de sua avó e se iniciar. Será ali onde ficará mais tempo do que o previsto e só volta após saber que o filho desapareceu. Voltando para “São Salvador” descobre que o pai de seu filho o vendeu como escravo. Fica arrasada, mas não esmorece, junta tudo que tem e vai para “São Sebastião do Rio de Janeiro” procurá-lo. Na chegada à cidade, ela faz uma reflexão muito importante:

Durante a viagem eu já tinha reparado, e andando a caminho de uma hospedaria, pareceu ainda mais evidente o quanto eu chamava a atenção. Não só por ser uma mulher viajando sozinha, mas também uma preta que podia pagar por alguns luxos, quando permitidos aos pretos, o que despertava a inveja dos pretos que não podiam. [...] Eu sempre tive medo da inveja, mas era um medo misturado com orgulho, porque ter nascido preta não me impediu de conseguir muitas coisas com as quais alguns brancos nem ousavam sonhar. Eu fui melhor do que muitos deles, embora não gostassem de reconhecer isso (Gonçalves, 2011, p. 711).

Aqui, fica claro o empoderamento da personagem marcado pela autoestima adquirida em sua trajetória. Como ficará muitos anos naquela cidade, fará muitas amizades e comercializará “tecidos e panos da costa” importados de África. Para além disso, o fato de saber ler e escrever a faz ter contato com alguns intelectuais, como Joaquim Manuel de Macedo, o autor de *A moreninha*.

Tempos depois, Kehinde terá algumas pistas sobre o paradeiro do filho e vai em busca dele em São Paulo, Santos e Campinas. No final da busca, descobrirá que ele fugiu. Então, voltará para “São Salvador”, na esperança de que ele tenha ido para casa. Ao chegar, descobre que ele não foi e ainda espera uns meses, até que decide voltar para o continente africano, mais especificamente para Uidá, onde, quando era criança, foi capturada e embarcada para o Brasil. No navio em que estava viajando, conheceu John e, ao desembarcar, descobriu que estava grávida de gêmeos, que, como aqui já foi dito, lá são chamados ibêjis. John não desembarcou, seguiu viagem por causa dos negócios, mas prometeu voltar a procurá-la. Ela se hospedou na casa da família que a havia hospedado no passado, junto com a sua irmã e sua avó quando vieram para Uidá pela primeira vez. Durante um tempo, ela ficou doente, pois tratava-se de gravidez de risco, mas assim que melhorou, John voltou e resolveram morar juntos e criar os filhos. Passaram a negociar juntos, e Kehinde tratou logo de fazer amizade com as pessoas mais influentes do lugar:

Também escrevi uma carta para o Tico, pedindo que ele procurasse na Bahia três bons presentes, uma para o Chachá, [...] outro para o Prudêncio, de quem eu começava a me tornar amiga, e outro para o Isidoro de Souza, um dos filhos do Chachá, de quem eu queria me aproximar (Gonçalves, 2011, p. 800).

Para além disso, ao chegarem, ela e os demais retornados ficaram decepcionados com a África tão sonhada, descobrem que haviam esquecido como era o seu país e passam a cultivar as coisas do Brasil. Esse contexto fundamenta a afirmação de Stuart Hall (2003), para quem, ao mesmo tempo em que esses povos se sentem felizes por estarem em casa, sentem falta dos costumes da metrópole aos quais haviam se adaptado. Diante disso, forma-se uma comunidade de brasileiros, que, segundo Milton Guran (2000), serão chamados “agudás”. De acordo com a narradora personagem, os nativos começam a considerá-los “brancos e arrogantes”, pois faziam questão de falar português e frequentar a Igreja Católica. Trata-se de um fato importante: tudo que esses povos rechaçavam no Brasil será utilizado para a formação de uma nova identidade em África. Assim, Kehinde vai negociar com os produtos brasileiros e africanos, ou seja, importando produtos brasileiros para a África e exportando produtos africanos para o Brasil, mais especificamente para a Bahia. Já o seu companheiro negocia com armas. Ficarão ricos, ou seja,

Foi justamente a partir da experiência de vida adquirida do Brasil, comum a todos eles, que os antigos escravos conseguiram assimilar-se aos agudás – como eram chamados os brasileiros estabelecidos na região – e assim compartilhar seu lugar na sociedade local. Esta experiência lhes permitiu, sobretudo, se inserirem na economia do lado dos que davam as ordens, e não simplesmente como força de trabalho (Guran, 2000, p. 9).

Nascem os ibêjis, e Kehinde faz questão de batizá-los com nomes brasileiros: Maria Clara e João. Ali ela descobre que esses nomes dão prestígio e inclusive passa a utilizar seu nome brasileiro – Luísa –, que no Brasil renegava e fazia questão de ostentar o nome africano, porém muda o sobrenome: deixa de ser “Gama” e adota “Andrade da Silva”. Desse forma, constitui uma nova família. Mas não esquece o filho perdido. Está sempre enviando dinheiro para os amigos continuarem a busca.

Mais adiante, ela inicia a construção de uma casa semelhante às de “São Salvador”. Quando a casa está ficando pronta, as pessoas mais ricas querem que ela construa casas iguais sob encomenda. Com isso, nasce a construtora “Casas da Bahia”, e Kehinde se torna empresária: “Mande construir um escritório de dois andares no centro de Uidá, também com jeito de sobrado da Bahia, onde coloquei uma placa informando que ali era a sede de Casas da Bahia” (Gonçalves, 2011, p. 862).

Após a morte do marido, com os filhos já crescidos, a narradora personagem se muda para Lagos. Logo, envia os filhos para estudarem na França. Na volta, eles casam e lhe dão netos. Ela perde a visão, já bastante envelhecida, e resolve retornar ao Brasil, porque descobriu o paradeiro do filho, mas, por não ter certeza de que dará tempo chegar viva ao fim da viagem, escreve essa narrativa, contando a ele toda a sua trajetória.

Assim, fundamentada pela história oficial e pelos liames da tradição oral dos povos africanos, como aqui já foi dito,

[...] constrói-se a escritura como uma casa assombrada, uma casa habitada pelas intercorrências de recordações fragmentadas integradas ao tecido textual: rezas, mitos, citações, provérbios, cantigas de ninar, o ressoar dos tantãs e os rituais da cultura africana preservados na América malgrado as rigorosas proibições (Bernd, 2012, p. 34).

Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves (2011), por meio da tessitura da narradora personagem, desconstrói todos os estereótipos e estigmas atribuídos aos(às) negros(as) na época da escravidão. O empoderamento dessa personagem, precedendo o feminismo negro, traz à tona um embate fundamentado nos pressupostos que perfazem o conceito de interseccionalidade: raça, classe, gênero, sexualidade, fazendo cair por terra a “coisificação” atribuída aos povos negros. O feminismo negro, nessa narrativa, se ressalta de maneira enfática, uma vez que todos os pressupostos são contemplados na trajetória da narradora personagem. Pressupostos que continuam sendo combatidos até hoje por esse movimento.

As realidades das mulheres negras são negadas por todos os pressupostos nos quais se baseia o pertencimento pleno a um grupo: a branquitude como condição para integrar o pensamento feminista, a masculinidade como condição para integrar o pensamento social e político negro, e a combinação de ambas para fazer parte do setor dominante da academia (Collins, 2019, p. 48).

Isso significa que, apesar de Kehinde ter se dado bem, a luta das mulheres negras continua. A escravidão e o colonialismo deixaram uma herança muito penosa para os povos negros. Porém, a narrativa provoca no leitor uma grande reflexão sobre a trajetória do(a) negro(a) no Brasil. Para além disso, invalida a inferioridade fundamentada nos traços fenotípicos e propicia ao leitor a ampliação de seus horizontes e a possibilidade da construção de uma nova cosmovisão.

EMPOWERMENT AND BLACK FEMINISM IN *UM DEFEITO DE COR*, BY ANA MARIA GONÇALVES

Abstract: A character inspired by Luísa Mahin, mother of the poet Luiz Gama, Kehinde, from *Um defeito de cor*, by Ana Maria Gonçalves (2011), brings in her

work the concept of empowerment in contrast to the concept of intersectionality, that is, the oppression of gender, race, class and sexuality. This concept permeates black feminism. Although empowerment is still an unconsolidated concept in view, of the various obstacles imposed by society, and when talking about female empowerment there is always the notion of individuality, Kehinde brings to light, problems that permeated and, even today, permeate the daily lives of black women. The objective of this work is to demonstrate how this whole process occurs in the narrative.

Keywords: Empowerment. Intersectionality. Black feminism. Slavery. Ana Maria Gonçalves.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- BERND, Z. E. Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 40, p. 29-42, jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9838/8692>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- BERTH, J. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. Muros e pontes no horizonte da prática feminista: uma reflexão. In: HOLANDA, H. B. de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 260-283.
- FIGUEIREDO, E. As (re)escritas da memória da escravidão: questões teóricas. In: FIGUEIREDO, E. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 161-170.
- GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, p. 40-51, set./out./nov./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrXrHf5nTC7r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2024.
- GONÇALVES, A. M. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GURAN, M. *Agudás: os “brasileiros” do Benim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik e tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOOKS, B. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LEITE, F. R. R. *A questão ancestral: África negra*. São Paulo: Palas Athena, Casa das Áfricas, 2008.
- LORDE, A. *Irmã outsider*. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

REIS, J. J. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANDENBERG, C. Conceituando empoderamento na perspectiva feminista. In: SANTOS, D. A.; CARDOSO, M. G. C.; SCOTT, P. (org.). *Feminismo, diferenças e desigualdades nas políticas públicas e desenvolvimento: algumas leituras fundamentais*. Recife: Editora Ufpe, 2017. (v. 1). p. 26-35.

TABOADA, N. G.; LEGAL, E. J.; MACHADO, N. Resiliência: em busca de um conceito. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 16, n. 3, p. 104-113, 2006.

VERGÈS, F. *Um feminismo decolonial*. Tradução Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.